

A Arte do Conviver

“Encontro” , “Ressignificação” e “Sublimidade” , a composição “ A Arte do Conviver” , é contornada por esse elenco , que delimitam uma construção colida da experiencia no Centro de Cultura e Convivência Pedra Branca, o primeiro centro de convivência do estado do Rio de Janeiro, alocado no último manicômio do estado a ser fechado.

Um lugar de encontro , da teoria e prática, e encontro de sentido de atuação em Saúde Mental, um espaço de resignificação , desde as paredes , de forma do cuidado , de visão e de vidas, e a sublimidade percebida em cada olhar, e cena de convivência , foram a inspiração para essa composição .

Traçada pelo “Encontro” , “Ressignificação” e “Sublimidade” é contornada a composição *A Arte do Conviver*. A chegada ao Centro de Cultura e Convivência Pedra Branca , trouxe a conciliação do encontro da teoria com a prática ,desde o funcionamento a atuação dos profissionais, possibilitando compreender para além de um termo bonito, o que realmente era “produção de vida” , através do manejo de cada profissional em um trabalho voltado para singularidade do cuidado, com arte , cultura com foco na saúde e de inclusão social. E encontro de sentido singular da minha trajetória de atuação na Saúde Mental .

Juntamente com apresentação ao serviço ,foi também exposto um grande desafio, a resignificação do espaço, onde foi o último manicômio a ser fechado no Rio de Janeiro há dois anos atras, onde muitos dos convivente estavam internados, e esse processo de resignificação é constante, desde de as cores e decorações das paredes, as atividades elaboradas, oficinas, articulações de rede, passeios ,o desafio dos próprios profissionais e os atravessamentos dos estigmas da loucura , e escuta e olhar atento aos conviventes. O resignificar , nessa passagem pelo serviço, foi compreendido como um exercício diário ,onde há um equilíbrio entre a confiança na preparação técnica para o trabalho, e a compreensão de que é um processo em construção ,com importante pressuposto de que não dominamos todo conhecimento necessário, principalmente quando se trata de cuidado com o outro.

E por fim , a sublimidade que se atrela , a sutileza de um trabalho com arte , histórias de vidas , e afeto, que conta com a ética, e os construtos teóricos que conduzem em constante reflexão a prática, para que não haja um enrijecimento e o cuidado se torne tutelar. A sublimidade expressa por cada convivente , em olhares, falas, danças, pinceladas, poesias , músicas ,atuações, e até mesmo no silêncio. Essa sublimidade sutil que constitui a experiencia de aprendizado ,e composição da música, a “ARTE DO CONVIVER”.

O papel do acolhimento e vinculação é indispensável para essa produção , que partiu da preceptoria e coordenação , dos profissionais e dos conviventes, foi ser acolhida e aprender acolher. Longe de qualquer cansativa demagogia , um aprendizado e partilhar de trabalho com pares, e a condução segura do trabalho da coordenação que favoreceu um cenário propício para jornada de estágio e de cada profissional técnico de saúde mental, oficineiros do serviço , que somaram com contribuições significativas formação, com a história do lugar, suas práticas, melhores conduções, e o trabalho de equipe. O vínculo , com os usuários, e o manejo dessa

ferramenta para produção de autonomia foi o centro de muitas reflexões que potencializaram o aprendizado e o serviço.

Em minha passagem pelo Centro de Cultura e Convivência Pedra Branca na colônia Juliano Moreira, em 2024 de março a novembro, em dois estagios, teve como um dos resultados a composição, que foi uma expressão do que foi observado e construído por cada um que passou pelo serviço. Como mencionado anteriormente, o vínculo construído com ética e interesse pelos conviventes, permitiu aproximar alguns conviventes do serviço e da possibilidade de manejo e contorno necessário, através de atividades de convivência, com desenho, pinturas, jogos e música, pude ouvir, e levar para equipe linhas para tecer a rede de cuidado, podendo assim repensar o PTS e direcionamento com usuários. Promoção de maior apropriação do serviço pelos usuários como um lugar que traz além de lazer mas, cuidado e saúde.

A apresentação da música no sarau de junho, consolidou para muito a proposta de pertencimento, ressignificação do espaço e da vida, e fortaleceu a importância da convivência na saúde e na inclusão social.

O serviço, está constante articulando com o Museu Bispo do Rosário de Artes Contemporânea em trabalhos de oficinas, saídas reuniões, exposições e administração, com as Clínicas da Família da Colônia Juliano Moreira presente em "Colegiado Gestor" apresentando o serviço e também compartilhando informações, e compartilhando espaços, com os CAPS da 4.0 participando fornecendo oficinas e atividades, o espaço e participando das atividades, assim como compartilhando de apoio matricial, com centros de cultura e iniciativas comunitárias da região como a casa de cultura de Jacarepaguá, Instituto Genivaldo Nogueira, com projetos e eventos, com programas como o Arte, Horta & Cia, com colaboração do projeto Pousada Sertão Carioca, com Fundação Oswaldo Cruz com informações, e participação da construção de um mapa dos serviços da rede, participação do conselho distrital de saúde, permitindo a divulgação do serviço, colaborações e atualizações, Serviços de Residência Terapêutica, Unidade de Acolhimento Adulto, entre outros.

Destaca-se como estratégia de articulação territorial e intersetorial, o projeto "Café com Vizinhos", coordenado pela vice diretora do MBRAC, Rosângela Nery e a comissão do Centro de Cultura e Convivência Pedra Branca, que trata-se de uma iniciativa de estreitamento de dispositivos e serviços da rede, que capilariza, proporcionando encontro em uma mesa de café que decorre o território mapeado, com rodas de conversa, propostas temáticas de cultura, informação e saúde, aproximando também a comunidade e os usuários do acesso ao serviço. No ano de 2024 mais de 9 serviços e lugares sediaram o evento, desde Clínicas da Família, CAPS, a Centros Culturais.